

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE LITERATURA PORTUGUESA

Relatório Final do Projeto de Pesquisa Unificada
“12 Poemas para a Antologia Homoerótica de Camões
Edição da Écloga V, A quem darei queixumes namorados”

MARIA DE FÁTIMA BERNADETE DA SILVA

Nº USP: 12678576

Área de Concentração: Literatura Portuguesa

Orientadora: Dra. Marcia Maria de Arruda Franco

Professora Associada - Literatura portuguesa

SÃO PAULO
Novembro/2024

Resumo

A presente pesquisa insere-se no projeto de pesquisa internacional “Reescrever o século XVI”, uma cooperação conjunta entre a Universidade de São Paulo e a Universidade do Minho. Dentre os desdobramentos ocorridos no projeto, surge o site oficial “Reescrever o século XVI”¹, assim como a iniciativa da antologia “12 poemas para a Antologia Homoerótica de Camões”, na qual a égloga V “A quem darei queixumes namorados”, editada no presente trabalho, se insere. Para a realização dessa pesquisa, foi feita a edição da égloga V segundo os critérios semi-diplomáticos comuns à toda Antologia Homoerótica.

Realizou-se, portanto, em princípio, a leitura da edição Rhythmas, de 1595, disponível em sua versão digitalizada na Biblioteca Nacional de Portugal. Após, o poema foi editado de acordo com os critérios filológicos semi-diplomáticos previamente estabelecidos. Além disso, foi selecionada e reunida também bibliografia específica para a realização de uma reflexão acerca das formas históricas do homoerotismo.

Dessa forma, a presente edição conta notas referentes ao vocabulário arcaico presente ao longo do poema, bem como figuras históricas e mitológicas referenciadas no texto e demais considerações pertinentes. Em adição, foram redigidos comentários paratextuais que se inserem no âmbito específico da égloga V, bem como elaboram considerações sobre a necessidade de entender o erotismo ao tempo de Camões.

Palavras-chave: Camões; Homoerotismo; Literatura Portuguesa; Écloga; Edição.

¹ <https://sites.usp.br/reescrever-o-seculo-xvi/#:~:text=O%20projeto%20%E2%80%9CReescrever%20o%20s%C3%A9culo,nas%20literaturas%20brasileira%20e%20portuguesa.>

Introdução

Em “Pode um desejo imenso”, romance de 2002, Frederico Lourenço cria uma narrativa ficcional cujo argumento enfoca a obra e a figura camoniana no ambiente universitário em torno de um colóquio sobre o poeta. Tal proximidade é motivada principalmente pela menção direta de versos e estrofes do poeta lusófono ao longo do livro, de modo que essa esteja retomada inclusive no título do texto.

O surgimento de anseios específicos do protagonista de “Pode um desejo imenso” é permeado por reflexões acerca dos eventuais percalços para a consumação de uma relação, uma vez que os desejos desse sujeito são de ordem homoafetiva. As considerações e meditações desse protagonista aparecem em consonância com a percepção contemporânea sobre o mantimento de uma relação entre dois homens, isto é, são acompanhadas de um profundo sentimento de repressão sexual.

Nuno, protagonista dessa obra, como professor da Universidade de Lisboa e célebre camonista, reflete sobre as motivações histórico-sociais que acompanham e motivam uma abordagem repressiva e castrativa de seus desejos, de maneira a pontuar que tal percepção não seria deslocada em outros períodos históricos, especialmente se considerada a função desempenhada por preceptores em relação a seus discípulos na Grécia antiga.

Em sua ficção, Lourenço dá especial enfoque à ideia do desejo como uma pulsão que orbita a esfera da luta de contrários, oscilando entre vontade e razão. Dessa forma, o protagonista do romance se encontra, por vezes, debruçado sobre os versos de Camões, desejando adquirir clareza sobre sua própria posição no mundo e sobre as manifestações de seu desejo. Nesse sentido, Nuno realiza uma análise específica acerca da produção camoniana dedicada a Dom António de Noronha, de quem Camões teria sido preceptor. Essa abordagem envereda para uma consideração acerca da possibilidade de uma leitura homoerótica da obra camoniana, uma vez que o poeta teria dedicado dez poemas a seu pupilo.

Portanto, hipótese ficcional aventada por Lourenço (2002) está em diálogo com os textos que constituem o núcleo da Antologia Homoerótica de Camões, em cujo projeto coletivo esta iniciação científica se insere, abordando a *Écloga V*.

Dessa forma, o presente projeto de pesquisa insere-se na realização da AHC e colabora com a edição e anotação da écloga V, “A quem darei queixumes namorados”, de modo a dar seguimento ao trabalho que vem sendo desenvolvido de forma coletiva, bem como realizar apontamentos acerca do contato próximo entre Camões e Dom António de Noronha.

Objetivos

Considerando a elaboração da AHC, no que compete às atribuições estabelecidas previamente para o projeto de pesquisa, os principais objetivos deste trabalho foram:

- a realização da transcrição da écloga V, com base em sua primeira edição conhecida, que data de 1595;
- a edição dessa mesma écloga a partir da edição de 1595, tendo por base os critérios semi-diplomáticos previamente estabelecidos para a AHC;
- a elaboração de notas pertinentes à leitura e compreensão da écloga V, de modo a considerar o vocabulário presente no poema, bem como as alterações realizadas ao longo da edição;
- a realização de um comentário acerca do caráter homoerótico da écloga V;
- a apresentação do presente trabalho no 32º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP - SIICUSP.

Métodos e procedimentos

A princípio, foi realizada a leitura da écloga em sua primeira versão publicada, presente no livro “Rhymas”, de 1595. Posteriormente, foi realizada a transcrição do texto em sua íntegra, com o objetivo de iniciar a edição com base nos critérios anteriormente estabelecidos para a antologia.

De maneira síncrona, foi realizada também a leitura do romance “Pode um desejo imenso”, de Frederico Lourenço, com o objetivo de estabelecer familiaridade com a proposta ficcional concebida nessa obra, assim como compreender os fatores históricos que permitem e endossam tal articulação.

Deste modo, foram adotados critérios semi-diplomáticos para a realização da edição do poema, bem como para a elaboração de notas que fossem pertinentes para a leitura do texto, bem como estivessem em diálogo com dicionários antigos, dicionários especializados na obra camoniana e/ou temáticas recorrentes à literatura.

Ademais, com o auxílio da orientadora do projeto, por meio de reuniões mensais, presenciais ou à distância, foi selecionada bibliografia específica e pertinente tanto à temática quanto à forma encontradas no texto base desta pesquisa, de modo a estabelecer claro diálogo com a ideia de homoerotismo, de acordo à hipótese ficcional lançada em *Pode um desejo imenso*, de Frederico Lourenço.

De maneira ainda não explícita no plano editorial das Rimas de Camões, em nossa proposta de edição da Écloga V, analisamos este poema pastoril, dividindo-o em duas partes: o texto da dedicatória a António de Noronha, onde se encontra temática homoerótica, congenial ao discurso pastoril, e a écloga propriamente dita, onde o pastor lamenta a não correspondência amorosa de sua amada. A *persona* do poeta dirige-se a seu dedicatário, que se julga ter sido o seu pupilo, também de maneira cortês, por meio de elogios à sua beleza física e moral, demonstrando afeto homoerótico, por exemplo, ao usar mitologemas de Apolo, mas sobretudo ao revisitar do ponto de vista renascentista, a tópica grega da pederastia, isto é, o rito de iniciação na vida adulta, entre erastes e erômeno, o amante mais velho e mestre, e o mais jovem e discípulo. Justamente a série de oitavas referente à dedicatória da Écloga V de Camões figura

na Antologia do homoerotismo da Literatura portuguesa, da Idade Média à contemporaneidade, publicada em Portugal em 2022, citando inclusive trabalho sobre a temática da orientadora: *O tamanho do nosso sonho é difícil de descrever. Antologia do homoerotismo na poesia português (dos cancioneiros medievais à atualidade)*. Lisboa, Avesso, 2022, p. 115 e seg.

Resultados

O presente trabalho tem por principal resultado a realização de uma edição da écloga V, o que resultou na elaboração de uma edição de acordo com critérios semi-diplomáticos, bem como a adição de notas ao vocabulário presente ao longo do texto.

Os critérios para a composição das notas consideraram fatores como atualizações possíveis devido à natureza da edição realizada, assim como a tentativa de resgatar significados metafóricos e/ou distantes gramaticalmente no poema. Foram feitas também notas acerca de figuras mitológicas mencionadas na écloga, uma vez que é entendido que a compreensão de tais menções favorece a experiência de leitura.

Ademais, a presente pesquisa foi inscrita e apresentada no 32º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP - SIICUSP, no qual foi avaliada e elogiada por parte dos avaliadores por “demonstração erudição no tema de pesquisa, originalidade na justificativa

de seu tema em tratar da homoerótica em Camões, e boa articulação com o referencial bibliográfico.”

A proposta de edição

Abreviaturas:

(RH) - Rhythmas, 1595

(AN) –António de Noronha

Écloga² V

Prosseguindo a passada³

A Dom António de Noronha⁴

A quem darei queixumes⁵ namorados,

Do meu pastor queixoso namorado,

A branda voz, suspiros magoados,

² Écloga, poema no qual os pastores são sujeitos da ação, cantam e expressam seus sentimentos a elementos da natureza na forma dramática de monólogos e/ou diálogos . Faz parte do gênero bucólico e se presta à encenação. O modelo clássico remete à literatura italiana e latina, a Virgílio e Teócrito; por sua vez, as éclogas de Camões são modelo para a lusografia bucólica. Como gênero, a bucólica não se limita à forma dramática da écloga, é cultivada nas diversas formas da poesia renascentista, como o soneto e a redondilha. A écloga V é composta em oitavas, cujo esquema rítmico é abababcc.

Na edição de 1595, o poema é classificado como “Égloga”, dialoga com a tradição dantesca, que alude à falsa etimologia latina que buscava explicar a origem da terminologia popularizada por Dante que derivou de *aix* (“cabra, bode”) e *logos* (“palavra”, “discurso”, “diálogo”). (Ceia, 2009). Aqui a figura pastoril dirige-se a outra que ouve seus clamores e lamentos no ambiente rural, simpático ao chorar do pastor. Trata-se de um monólogo que inicia-se com uma dedicatória a Dom António, ouvinte primário dos clamores do pastor.

³ Prosseguindo a passada é a didascália específica deste texto e implica uma menção indireta à Écloga III, “A uma dama”. Frondoso, e Duriano, Pastores. Cantando por um vale docemente”.

⁴ Dedicatória a Dom António de Noronha, filho do conde Linhares. Camões nutria grande simpatia e amizade por D. António, esse afeto fica explicitado através das diversas poesias dedicadas ao nobre português por Camões (Lourenço, *Pode um desejo imenso*, 2002). Na Écloga V a dedicatória ocupa as oitavas 1 a 5.

D. António faleceu em Ceuta no ano de 1553, no desastre da Batalha do Monte de Condessa, em que morreu a fina flor da nobreza portuguesa. Sá de Miranda perdeu o filho e o príncipe D. João também perdeu o cavaleiro AN, de quem também era amigo. Admite-se (Storck, Lourenço) que Camões tenha sido preceptor de AN. Na edição de 1598, a didascália reza: “Feita do Autor na sua puerícia”.

⁵ Queixumes, reclamações, lamentações, expressão de incômodo, inquietação, sofrimento.

A causa porque n'alma é magoado?
De quem serão seus males consolados?
Quem lhe fará divino gasalhado?
Só vós (senhor), formoso e excelente,
Especial em graça entre a gente?

2

Por partes mil lançando a fantasia,
Busquei⁶ na terra estrela que guiasse
Meus rudos versos, em cuja companhia
A santa piedade sempre andasse
Luzente e clara como a luz do dia,
Que o rude engenho meu me alumiasse,
Em vossas perfeições (grã⁷ senhor) vejo
Cumprido inda além o meu desejo.

3

A vós se deem a quem junto se há dado
Brandura, mansidão, engenho e arte,
D'um espírito divino acompanhado,
Dos sobre-humanos um, em toda a parte,
Em vós as graças todas se hão juntado,
De vós em outras partes se reparte,
Sois claro raio, sois ardente chama,
Glória e louvor do tempo, asas da fama.

4

Enquanto aparelho um novo espírito⁷,

⁶ Evidenciando o grande apreço que o autor tem por aquele a quem dedica o poema, a construção indica um lugar-comum recorrente ao longo da dedicatória: a ideia de que AN, acima de quaisquer outros, merece especial admiração.

⁷ Grande. Optou-se pelo mantimento da forma arcaica em prol dos critérios semi-diplomáticos estabelecidos para toda a antologia.

⁸ A ideia de “novo espírito” remete à possibilidade de uma transformação realizada por parte do autor, indicação de que é vontade do autor elaborar uma forma de expressão específica para AN.

E voz de cisne⁹ tal que o mundo espante,
Com que de vós, senhor, em alto grito,
Louvores mil em toda a parte cante,
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
Entre vacas e gado petulante,
Que quando tempo for em melhor modo
Por vós me ouvirá o mundo todo.

5

As vãs querelas¹⁰ brandas¹¹ e amorosas,
Sejam de vós tratadas brandamente,
Verdades d'alma pouco venturosas,
Saídas com suspiro vivo, e ardente,
Que em vossas mãos se entregam valorosas,
Para depois viverem entre a gente,
Chorando sempre a antiga crueldade,
E os corações moverem à piedade.¹²

6¹³

Já¹⁴ declinava o Sol contra o Oriente,
E o mais do dia já era passado,
Quando o pastor c'o grave mal que sente,
Por dar alívio em parte a seu cuidado,
Se queixa da pastora docemente,
Cuidando¹⁵ de ninguém ser escutado,

⁹ A expressão remete à uma antiga lenda grega que associa o som emitido pela ave a um grande esforço para a realização de uma tarefa antes da morte que espregueia. Ademais, está também em associação com o tom melancólico do canto dos cisnes.

¹⁰ Querela, divergência entre dois ou mais pontos de vista que são apresentados em conflito.

¹¹ Realizamos a emenda da gralha: 'bandas', presente na edição de 1595, para 'brandas', como se lê na edição de 1598.

¹² Nesse ponto, o autor expressa seu desejo e promessa de tornar o nome de AN eterno através de sua literatura, o que fará após a morte do pupilo, em 1553. Note-se que esta écloga foi escrita ainda em vida de AN.

¹³ Início do monólogo do pastor.

¹⁴ Indicação do ambiente no qual o pastor realiza seu monólogo. A caracterização do espaço está em diálogo com o bucolismo comum ao gênero écloga.

¹⁵ Prestando atenção para que ninguém chegasse a ouvi-lo. Tomando cuidado.

Eu que o ouvi duma árvore, escrevia
As mágoas que cantou, e assi dizia:

7

Ou tu do monte Píndaro¹⁶ és nascida,
Ou marmor te pariu formosa e dura,
Que não pode ser seja concebida
Dureza tal de humana criatura,
Oh és quiçá em pedra convertida,
E tens de natureza tal ventura¹⁷:
Porém não fez em ti boa impressão,
Tornar-te só de mármore o coração.

8

Já esta minha voz rouca e chorosa,
À gente mais remota moveria,
E se tocasse a veia lacrimosa¹⁸,
Os tigres em Hircania¹⁹ amansaria,
Se não foras cruel quanto formosa,
Meu longo suspirar te abrandaria,
Meu suspirar por ti, e bem querer-te,
Que fazem se não mais endurecer-te?

9

Se deixaras vencer a crueldade
De tua tão perfeita formosura,
Um pouco viras esta fé tão limpa e pura,
Por ventura a que houveras piedade
E tivera eu quiçá melhor ventura
Mas nunca achei melhor tua beleza,

¹⁶ Referência ao Monte Píndaro, uma cadeia de montanhas presente na Grécia (Murphy, 1998)

¹⁷ Ventura diz respeito à sorte, boa fortuna.

¹⁸ Chorosa, emotiva.

¹⁹ Hircânia. Região histórica localizada no mar Cáspio.

Senão com ver-se em ti tua dureza.
Já um peito abrandara que não sente

10

Meu duro e grave mal, segundo é forte,
Se descera ao inferno fero e ardente
Movera a piedade a mesma morte,
Se uma gota de água brandamente
Abranda um penedo duro e forte.
Como lágrimas tantas farão
Um pequeno sinal num coração?
Na testa tenho uma fonte viva d'água,

10

Que por meus olhos tristes se derrama,
No peito, está de fogo uma viva frágua,²⁰
Que tudo em si converte e tudo inflama,
A mor ao derredor por maior mágoa²¹
Voando mais acende a ardente chama,
E se qués²² ver se ardentes são seus tiros,
Olha se são ardentes meus suspiros.
Quando rumor algum grande se sente,

12

Que se acende fogo em casa, ou torre.
De pura compaixão vai toda a gente
Gritando água ao fogo, e cada um corre,
Assi²³ anda meu peito em chama ardente
E c'ó a água dos olhos se socorre,
Que quem me abrasa outra água me defende,

²⁰ Metafórico, grande calor, adôr.

²¹ Grande ressentimento, profunda divergência.

²² Se quer, se deseja. Mais uma vez, optamos pela forma arcaica em prol da estrofe.

²³ Assim.

Porque com esta o fogo mais se acende.
Quando o Sol sai lá do Oriente,

13

O seu antigo curso começando,
Formoso, intenso, puro e refulgente,
O monte, campo, mar, tudo alegrando,
Quando de nós se esconde no Poente²⁴
E noutras terras sai alumando
Sempre enquanto dá ao mundo giro
Por ti meus olhos choram, e eu suspiro.
Caminha o dia todo o caminhante,

14

Vem acabado a noite em que descansa,
Trabalha na tormenta o mareante,
Goza o dia sereno e de bonança
Recobra o ano fértil e abundante
Na terra o lavrador se nela canta,
Mas eu de meu trabalho, e mal tão forte,
Tormento espero enfim, e crua morte.
C'o ouvir meu mal, as rosas matutinas,

15

De dó e mi, se cerram e emurcheassem,
C'o meu suspiro ardente, as cores finas
Perdem o cravo, e lírio, e não florescem,
C'o a roxa aurora as pálidas boninas
Em vez de se alegrarem se entristecem,

²⁴ Poente, momento em que o Sol deixa de aparecer no horizonte, isto é, a luz natural, aos poucos, dá lugar ao anoitecer.

Deixa seu canto Progne²⁵ e Filomena²⁶,
Que mais lhe dói que²⁷ a sua a minha pena.
Responde o monte côncavo a meus ais,

16

E tu como áspide²⁸ cerras-lhe²⁹ o ouvido,
As árvores do campo, os animais
Mostram sentir meu mal sem ter sentido,
E a ti as minhas dores desiguais
Não movem esse peito endurecido:
Por mais e mais que chamo, não respondes,
E quanto mais te busco, mais te escondes.
Naquela parte adonde costumavas

17

Apascentar teus olhos, e teu gado,
Ali onde mil vezes me mostravas
Ser eu de ti o pasto desejado,
Mil vezes te busquei por ver se davas
Ainda algum descanso a meu cuidado,
No campo em vão te busco, e busco o monte,
Qual o ferido cervo busca a fonte.
Este lugar de ti desamparado,

²⁵ Progne, personagem da mitologia grega, filha do rei Pandión I, casou-se com Tereu, rei da Trácia.

²⁶ Filomena, irmã de Progne. Na mitologia grega, Tereu, então marido de Progne, oferece-se para ir ao encontro de Filomena em Atenas. Contudo, ao encontrar-se enamorado por ela, a irmã de sua esposa, Tereu violenta Filomena e corta sua língua para que ela não relate o abuso. As irmãs Progne e Filomena acabam transformadas em pássaros, respectivamente, rouxinol e andorinha, de modo que suas figuras são, recorrentemente, associadas ao canto de pássaros. Poente, momento em que o Sol deixa de aparecer no horizonte, isto é, a luz natural, aos poucos, dá lugar ao anoitecer.

²⁷ Que é razão de sua dor, sofrimento.

²⁸ Espécie de cobra européia.

²⁹ Não dá ouvidos, não concede atenção.

18

Com cujas sombras frias já folgaste,
Agora triste e escuro é já tornado,
Que todo o bem contigo nos levaste:
Tu eras nosso sol mais desejado,
Não temos luz depois que nos deixaste,
Torna meu claro sol, vem já meu bem,
Qual é o Josué³⁰ que te detém?
Depois que te deste vale te apartaste,

19

Não pasce³¹ o branco gado com secura,
Secou-se o campo des que lhe negaste
Dos teus formosos olhos a luz pura,
Secou-se a fonte donde já te olhaste,
Quando melhor que agora a espera. e dura,
Nega, sem ti, à terra dando gritos,
Pasto às cabras, e leite aos cabritos.
Sem ti doce cruel minha inimiga,

20

A clara luz escura me parece,
Este ribeiro, quando amor me obriga,
Com meu chorar por ti continuo³² cresce,
Não há fera que a fome não persiga,
Nem o campo sem ti já não floresce,

³⁰ Referência à figura mitológica presente no Antigo Testamento. Foi o responsável por suceder Moisés como líder do povo de Israel.

³¹ Passe.

³² Continuo.

Cegos estão meus olhos, já não vem³³,
Pois que não podem ver meu claro bem.
O campo como de antes não se esmalta,

21

De boninas azuis, brancas, vermelhas,
Não chove ao pasto, já que há d'água falta,
As mansas e pacíficas ovelhas
Sem ti perecem, e o céu também lhes falta,
Amansas e pacíficas ovelhas
Sem ti perecem, & o céu também lhes falta,
Não acham flor as melíferas abelhas,
Com lágrimas que manam dos meus olhos,

22

Produze a terra já ásperos abrolhos.
Torna pois já pastora a este prado,
E restituirás esta alegria,
Alegrarás o monte, o campo, o gado,
Alegrarás também a fonte fria,
Torna, vem já meu sol tão desejado,
Faze esta noite escura em claro dia
E alegre já esta magoada vida,

23

Toda em tua ausência consumida.
Vem como quando o raio eminente
Do nosso Horizonte que, escondido,
Deixa um certo temor à mortal gente,

³³ Veem.

Que causa ver o Orbe³² escurecido.
E quando torna a vir claro e luzente,
Alegra o mundo todo entristecido,
Assi é para mim tua luz pura,

24

Claro sol, e ausente noite escura.
Tu esquecida já do bem passado,
E do primeiro amor que me mostraste,
Teu coração de mim tens apartado,
E o lugar também desamparaste:
Não te quero eu a ti mais do que a meu gado?
Não sou eu mesmo aquele que tu amaste?
Pois onde mereci tão grão desvio?

25

Ouve-me, pois me vês já morto e frio.
Bem vês que por amor se move tudo,
E não há quem d'amor se veja isento,
O animal mais simples, baixo, e rudo,
O de mais levantado pensamento,
Até debaixo d'água, o peixe mudo
Lá tem d'amor também seu movimento,
A ave, que no ar cantando voa,

26

Também por outra ave se afeiçoa.
A música do leve passarinho
Que sem concerto algum solta e derrama,

³⁴ Orbe, corpo celeste, esfera de natureza celestial.

Saltando de raminho em raminho,
Cantando com amor, suspira e chama,
Te achar no amado e doce ninho
Aquele a quem busca e a quem ama,
Descansa do trabalho que tomara

27

Tendo só seu descanso em quem achara.
A fera que é mais fera, e o leão³⁵
Sempre acha outro leão, e outra fera,
Em quem possa empregar uma afeição,
Que lhe a conversação no peito gera,
Também suspira, morre, e desespera,
Acena, salta, brada³⁶, ferve, e geme.
E não temendo nada, amor só teme.

28

O cervo que escondido e emboscado,
Temendo o cobiçoso caçador,
Está na selva, monte, bosque, ou prado,
Ali onde está, e vive, vive amor,
D'amor e de temor acompanhado,
Com justa causa amor tem, e temor,
Temor de quem ali feri-lo vinha,
E a amor a quem já ferido o tinha.

29

Se o animal insensível que não sente

³⁵ Com base nos critérios filológicos presentes na antologia, optamos pela grafia contemporânea 'leão', presente no original como 'lião'.

³⁶ Grita.

Também sente d'amor a flecha ³⁷dura,
Porque não abranda o fogo ardente
Que procede de tua formosura,
Por que escondes a luz do sol à gente?
Que nesses olhos trazes bela e pura,
Mais bela, mais suave, e mais formosa,
Que o lírio, o jasmim, o cravo, a rosa.

30

Pode ser, se me viras, que sentiras,
Ver desfazer um peito em triste pranto,
E bem pouco fizeram se me viras,
Já que eu só por te ver suspiro tanto,
As mágoas e suspiros que me ouviras,
Te puderam mover a grande espanto,
A dor, a piedade, o sentimento,
E mais, que para mais é meu tormento.

31

Os pensamentos vão, que o vento leve
O suspirar em vão também, ao vento,
O esperar a calma³⁸, a chuva, a neve,
E não te poder ver um só momento,
Tormento é que somente a ti se deve,
E se pode inda haver maior tormento,
Quem te viu, e se vê de si ausente,
Muito mais passará mais levemente.

32

³⁷ 'frecha' na edição de 1595.

³⁸ Aguardar por um momento de tranquilidade.

Faz mossa³⁹ a pedra dura em sua dureza,
Coa⁴⁰ água que lhe toca brandamente,
Abranda o ferro forte a fortaleza
Se lhe toca também o fogo ardente,
Só em ti não conheço a natureza,
Que a ser de pedra, ferro, ou de serpente,
Já teu peito cruel fora desfeito
Do fogo, e das lágrimas que deito.

33

Quando a formosa Aurora mostra a fronte
Alegra toda a terra vendo o dia,
Quando Febo³⁹ aparece no Horizonte,
Manifesta também grande alegria,
Contente come o gado ao pé do monte,
Alegre vai beber à fonte fria,
Tudo contente está, alegre tudo,
Eu só, só, pensativo, triste, e mudo.

34

Se da alma e do corpo tens a palma,
E do corpo sem alma não tens dó,
Há dó do corpo só que está sem alma,
Pois sem alma não vive o corpo só
Na chama, no ardor, no fogo, e calma,
Na afeição, no querer, eu sou um só,

³⁹ Mossa, sinal de impressão branda ou violenta, metafórico: abalo (Rafael Bluteau).

⁴⁰ Com a.

⁴¹ Febo, equivalente romano ao deus grego Apolo.

Não acharás vontade mais cativa,
Nem outra como a tua tão esquiva.

35

Se te apartas por não ouvir meu rogo,
Onde estiveres te hei de⁴² importunar,
Posto que vá por água, ferro, ou fogo,
Contigo em toda parte me hás de achar,
Que a chama que me abrasa é de tal fogo,
Que enquanto eu vivo for há de durar,
E o nó que me tem preso é de tal sorte,
Que não se há de soltar em vida ou morte.

36

Neste meu coração sempre estarás
Enquanto a alma estiver com ele unida,
Meu espírito também possuirás
Depois que a alma do corpo for partida,
Por mais e mais que faças, não farás
Que não te ame nesta e na outra vida.
Impossível será que eternamente,
Estês ⁴³de mi⁴⁴ ausente estando ausente.

37

Cá me acompanhará tua memória,
Se o rio que se diz do esquecimento
Da minha não borrar tão longa história,
Tão grave mal, tão duro apartamento,

⁴² Vou, irei.

⁴³ Estes, escolha pela forma arcaica.

⁴⁴ Mim.

Até que eu te veja entrar na glória,
Viverei num contínuo sentimento⁴⁵,
Inda então será (se isto ser possa)
Servir esta alma minha lá a vossa.

38

Aqui com grave dor, com triste acento,
Deu o triste pastor fim a seu canto,
C'o rosto baixo e alto o pensamento
Seus olhos começaram novo pranto,
Mil vezes fez parar no ar o vento,
E apiedou no céu o coro santo,
As circunstantes selvas se abaixaram,
De dó das tristes mágoas que escutaram.

39⁴⁶

Com uma⁴⁷ mão na face, e encostado,
Em sua dor tão enlevado estava,
Que como em grave sono sepultado
Não viu o sol que já no mar entrava:
Berrando anda em roda o manso gado,
Que o seguro curral já desejava,
Nas covas as raposas, e em seus ninhos⁴⁸
Se recolhem os simples passarinhos.

40

⁴⁵ Contínuo sentimento.

⁴⁶ Encerra-se o monólogo do pastor.

⁴⁷ 'Co uã' na edição de 1595.

⁴⁸ Realizamos a atualização das formas de notação nasal.

Já sobre um seco ramo estava posto
O mocho com funesto e triste pranto,
A cujo som o pastor ergueu o rosto,
E viu a terra envolta em negro manto,
Quebrando então o fio a seu gosto,
Mas não quebrando o fio a seu pranto,
Para melhor cuidar em seu cuidado⁴⁹,
Levou para os currais o manso gado.

Conclusão

Diante do apresentado, conclui-se que o projeto de edição da écloga V foi bem sucedido, uma vez que este foi capaz de realizar a edição do texto, bem como a elaboração de notas pertinentes a sua leitura.

Em relação ao exame pormenorizado do texto que culminou em suas notas, é possível destacar o caráter homoiérico presente nesse texto, já que a dedicatória a Dom António de Noronha é acompanhada por uma série de elogios ao seu modo de ser e suas virtudes como homem, bem como claro interesse por sua forma física, que é formosa e louvável para Camões.

Por fim, há a promessa de fazer o nome de AN ecoar pelo tempo através dos versos dedicados a si, uma prova clara da profunda estima que o autor nutria por seu outrora pupilo. É relevante salientar que a edição insere-se em um projeto de pesquisa de realização coletiva que segue em curso em decorrência de sua inovação do ponto de vista dos estudos acerca da obra camoniana.

Cabe ressaltar também que o exame da sociedade de corte, bem como dos desdobramentos da temática homoiérica no período, são pertinentes a outros textos de Camões. Tais obras

⁴⁹ Ser digno de seu cuidado.

foram previamente selecionadas pela Profa. Dra. Marcia Arruda Franco e seguirão em elaboração através do trabalho de demais pesquisadores.

Portanto, é esperado e desejado que a edição da écloga V possa, em alguma medida, contribuir para o andamento do projeto “12 poemas para a Antologia Homoerótica de Camões”.

Além disso, a bolsista destaca a pertinência da realização da presente pesquisa para sua formação como estudante da Faculdade de Letras, uma vez que esta foi sensivelmente beneficiada pelas minúcias pertinentes à realização do trabalho designado para si neste projeto.

Referências:

BLUTEAU, D. Raphael. Vocabulário português e latino.

CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMÕES, Luís. Rhythmas de Luís de Camões. Divididas em cinco partes. Lisboa: Manoel de LYRA, 1595. Exemplar disponibilizado pela Biblioteca Nacional Portuguesa.

_____. Rimas de Luís de Camões. Acrescentadas nesta segunda edição. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1598. Exemplar disponibilizado pela Biblioteca Nacional Portuguesa.

CEIA, Carlos. E-Dicionário de Termos Literários, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FRAGA, M. C. S. Éclogas. In: AGUIAR E SILVA, V. Dicionário de Luís de Camões. Alfragide: Editorial Caminho, 2012.

FRANCO, Marcia Arruda. Convite que fez Camões em Goa a certos fidalgos. Revista da Rede Internacional Lyracompoetics. 4, 10/2014: 21-45 - ISSN 21828954.

HACQUARD, Georges. Dicionário de Mitologia Grego e Romana. Porto: Asa, 1996.

LOURENÇO, Pode um desejo imenso: romance. Livros Quetzal, 2022.

PEREIRA, Thomaz Heverton dos Santos A voz de cisnes e o barroco: pensar o homem contemporâneo. Revista Entrelaces, Fortaleza, v. 1, n. 12, p. 263-274, abr./jun. 2018.

REESCREVER, Reescrever o século XVI. Página Inicial. <https://sites.usp.br/reescrever-o-seculo->

[xvi/#:~:text=O%20projeto%20E2%80%9CReescrever%20o%20s%C3%A9culo,nas%20literaturas%20brasileira%20e%20portuguesa">xvi/#:~:text=O%20projeto%20E2%80%9CReescrever%20o%20s%C3%A9culo,nas%20literaturas%20brasileira%20e%20portuguesa](#). Acesso em 14 de jun. 2024.

ROCHA, Cássio Bruno de Araújo. Masculinidade e homoerotismo no Império português seiscentista: as aventuras sodomíticas do Padre Frutuoso Álvares, vigário do Matoim. Em Tempo de Histórias, n. 25, 2015.

RODRIGUES, Marina Machado. A fortuna crítica da Écloga V, “A quem darei queixumes namorados”, nas principais edições modernas da obra lírica de Camões. Revista Philologus, Ano 16, N° 48. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2010.

SASLOW, James M. Homosexuality in the Renaissance: behavior, identity and artistic expression. In Duberman, M., Vicinus, M., Chauncey, G. Jr. Hidden from history. New American Library, NY. 1989, p. 90-105.

SILVA, Víctor Aguiar. Dicionário de Luís de Camões. Alfragide, 2011.

SUMMERS, Claude J. Homosexuality and Renaissance Literature, or the Anxieties of Anachronism. South Central Review. [Vol. 9, No. 1, Historicizing Literary Contexts \(Spring, 1992\)](#), pp. 2-23 (22 pages). Published By: The Johns Hopkins University Press.

YEARLING, Rebecca. Homoerotic Desire and Renaissance Lyric Verse. Studies in English Literature, 1500-1900, Vol. 53, No. 1, The English Renaissance (WINTER 2013), pp. 53-71.